

Formação Docente em Perspectivas Inclusivas: Habilidades Socioemocionais Diante do Transtorno do Espectro Autista

Mirella Delmondes Alves (Estudante (IC)*; Marlene Barbosa de Freitas Reis (Pesquisador (PQ) mirella.delmondes@hotmail.com*

Universidade Estadual de Goiás – UnU Inhumas. Av. Araguaia, 400 - Vila Lucimar, Inhumas - GO, 75400-000

Resumo: Este trabalho está vinculado ao projeto de pesquisa “Diversidade e inclusão: desafios e perspectivas na educação e encontra-se em andamento. Tem como objetivo investigar as concepções da autogestão de habilidades socioemocionais docente como prática pedagógica inclusiva, além de identificar as principais barreiras existentes em relação a essa área. O desenvolvimento de políticas públicas voltada para as práticas inclusivas foram implementadas a partir dos anos de 1990, após a Constituição Federal de 1988 afirmar a “educação como um direito de todos”. Entretanto, mesmo com esses avanços ainda se é insuficiente lidar com a subjetividade de cada aluno, tornando-se um grande desafio profissional. Dessa forma, será explorado particularmente o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e a relevância das habilidades socioemocionais (gestão do eu) como uma intervenção e alternativa de prática pedagógica. Em vista disso, será utilizada uma metodologia de caráter qualitativo, sendo realizado uma revisão bibliográfica, em autores tais como: Campos e Martins (2012); Santos e Reis (2016); Goleman (2005) entre outros e em seguida uma pesquisa de campo. O resultado das reflexões apontam uma relação direta entre a inteligência emocional e a excelência profissional do docente.

Palavras-chave: Formação de professores; autismo; inteligência emocional; inclusão

Introdução

Este resumo expandido tem por objetivo analisar a importância do conhecimento da gestão de habilidades socioemocionais como prática pedagógica inclusiva diante do Transtorno do Espectro autista (TEA). Em primeiro lugar é necessário ressaltar que a existência de práticas inclusivas como propostas educacionais para pessoas com algum tipo de deficiência alcançava poucas instituições especializadas (até 1970), destinada a alta sociedade. Nesse contexto, “a Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, representou um grande avanço na temática da inclusão ao definir a educação como direito de todos e dever do poder público”(SANTOS, REIS, 2016, p. 335).

Sob esse viés, o foco do trabalho centra-se no aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na rede de ensino regular pública e privada. Segundo o DSM V (Manual Diagnóstico e Estatístico dos Distúrbios Mentais) de 2013, o autismo é caracterizado como um déficit anormal o qual causa dificuldades de comunicação e interação social, marcada por um restrito comportamento no exercício de atividades e

interesses; manifestando-se antes dos 3 anos de idade, embora não haja um marcador biológico definitivo. Assim, a educação inclusiva tem um papel fundamental para a criança especial, uma vez que estimula suas capacidades de interação, ainda que sua compreensão social seja dificultosa, além de estimular nas outras o aprendizado de se viver com as diferenças.

Entretanto, ainda existe falta de conhecimento e orientação por parte dos professores, tornando-se grandes desafios em sala de aula. Dessa forma, essas idealizações refletem também em falhas nas habilidades socioemocionais. Segundo Goleman (2005), a inteligência emocional é um conjunto de aptidões que incluem a autoconsciência, zelo, capacidade de lidar com seus próprios sentimentos e com o dos outros (empatia) e a capacidade de automotivação.

Conforme Campos & Martins (2012) essa capacidade de gerir emoções no contexto do professor eleva sua qualidade de vida e excelência profissional. Inserido na realidade de alunos autistas, essas competências são fundamentais para entender e utilizar a empatia para auxiliá-los em seu desenvolvimento, respeitando a especificidade de cada um. Apesar de se discutir bastante na sociedade o tema em geral (gestão de habilidades socioemocionais), poucos estudos têm dado ênfase nesse assunto incorporando em conjunto a formação de professores e educação inclusiva de alunos com autismo.

Nesse sentido, a justificativa e a relevância desse trabalho radica na promoção de novos estudos nessa área que possam trazer um maior aprimoramento de práticas pedagógicas inclusivas, além de possibilitar um vínculo entre professor-aluno mais saudável. Assim, objetiva-se investigar a concepção dos professores em relação a sua própria formação, identificando barreiras existentes voltada à educação inclusiva para fins de a fim de levantar possibilidades de implementação de projetos, ações e práticas que garantam o sucesso de alunos com TEA na rede de ensino regular pública e particular.

Material e Métodos

A metodologia utilizada foi de natureza qualitativa, de caráter exploratória. Realizou-se em um primeiro momento, uma revisão de literatura sobre os principais fundamentos teóricos dos autores para se aprofundar a compreensão sobre os direcionamentos e orientações políticas na formação docente e a educação inclusiva.

Conforme o cronograma fez-se o mapeamento das escolas do município de Inhumas as quais tem alunos TEA e, assim, convidou-se 15 professoras de diferentes instituições de ensino da educação básica para a pesquisa a fim de analisar a concepção delas sobre a inclusão em sua formação acadêmica, inclusão da criança com autismo em escolas de ensino regular, o papel do professor como o facilitador da aprendizagem e o entendimento da importância de gerir emoções. Devido ao isolamento social causado pela pandemia decorrente do Coronavírus, as entrevistas previstas para serem presenciais foram adaptadas para questionário e enviado por email. Apenas 6 professoras deram retorno dos questionários respondidos.

De acordo com Santos (2020), esta condição de pandemia e de isolamento social sempre é discriminatória, afetando com intensidade alguns grupos sociais cujo tem em comum a vulnerabilidade a qual “precede a quarentena e se agrava com ela” (SANTOS, 2020, p.15). Entre eles, temos as pessoas com deficiência, as quais não têm suas necessidades especiais atendidas, impedindo que essas desfrutem de seus direitos.

Resultados e Discussão

Ao longo de todo o ano foram realizadas reuniões semanais com a equipe de pesquisa, em que discutimos artigos fundamentais para nossa revisão de literatura e pesquisa documental. Já nos primeiros dias de vigência do plano de trabalho, a participação foi efetivada em eventos científicos da área da educação como, por exemplo: Encontro de Licenciatura e Educação Básica: Educação mediada por tecnologia & os desafios e proposições da educação básica ao ensino superior, realizado do dia 28 de setembro a 02 de outubro de 2020 pela Universidade Federal de Goiás; pelo VII Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Estadual de Goiás (14/10 a 16/10); “Encontro Formativo do NAPNE: 1º Encontro Nacional de Docentes com Deficiência no Ensino Superior: Narrando Trajetórias” promovido pelo IFG Inhumas (10/11 a 13/11) e o X Seminário Psicologia e Políticas Públicas: Desafios e Perspectivas para a Formação, Atuação e Pesquisa realizado pelo Conselho Regional de Psicologia (18/11); Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Diversidade e Inclusão (GEPEDI) (24/09/20 – 30/10/20 – 28/01/21 – 05/03/21- 30/03/21) e IX Semana de Integração: Educação, Resistência e Esperança; Diálogos com Paulo Freire (07 a 09/06/21). Além disso, a pesquisa desse projeto resultou na publicação de dois capítulos de livro: um pela Editora E-Publicar no ebook “Psicologia em Foco, Fundamentos, Práxis e Transformações’ no dia 15 de abril de 2021 e também pela Editora Scotti no livro

“Educação no contexto atual: interlocuções teóricas e práticas” no dia 01 de setembro de 2021.

Em conjunto ao cronograma de atividades proposto no plano de trabalho, fez-se o mapeamento quantitativo de escolas públicas das redes estadual e municipal da cidade de Inhumas. De acordo com a coordenadora de inclusão, na rede municipal existem 27 escolas com aproximadamente 4800 alunos e 182 alunos com deficiência, sendo 23 deles autistas, foco do nosso olhar. Já na estadual, existem 3.823 alunos, 248 com deficiência, sendo 34 autistas.

A primeira pergunta proposta às participantes foi um questionamento sobre o conceito e a importância da inclusão na rede regular de ensino; nesse quesito, todas elas obtiveram respostas semelhantes. As pesquisadas afirmaram que ao se falar teoricamente de educação especial e inclusão, são promovidos aos alunos com deficiência a possibilidade de inserção e participação sem que haja preconceitos, “valorizando as diferenças étnicas, sociais, culturais, intelectuais, físicas, sensoriais e de gênero” (PARTICIPANTE 1, 2020). Entretanto, o que é vivenciado na prática é a falta de apoio e o despreparo para lidar com as particularidades desses alunos. Segundo ainda a participante 1, “a contribuição [da graduação] foi muito pequena. A inclusão é ampla e ainda um tanto complexa; assim, faz-se necessário cursos de formação continuada e capacitações contínuas” (PARTICIPANTE 1, 2020). Fica claro, então, que é preciso de automotivação para seguir nesse caminho

Em relação à importância das habilidades socioemocionais, cinco das seis participantes afirmaram que essas e o desenvolvimento de suas competências contribuem para o aprendizado e o engajamento dos estudantes, professores e escola; desenvolvendo a identidade e a autonomia, principalmente no contexto TEA. Segundo a participante 5 o conceito de autogestão de habilidades socioemocionais “[...] é saber tomar as suas decisões, estimulando a liberdade e autonomia. Isso pode contribuir [...] e ser inserido de maneira muito eficaz, dando liberdade para que o professor trabalhe da melhor forma possível com seu aluno” (PARTICIPANTE 5, 2020).

Entretanto, a maioria das escolas não trazem capacitações contínuas aos profissionais e às vezes nem fornecem um planejamento colaborativo com o professor de apoio ou regente. Por esse motivo e por uma série de outros fatores como as dificuldades culturais, o capital cultural da família e as dificuldades impostas pelo sistema, pode-se dizer que a inclusão acontece de forma parcial. Assim, as habilidades socioemocionais e o desenvolvimento de suas competências contribuem para o aprendizado e o engajamento dos estudantes, professores e escola, mas não é um recurso

frequentemente utilizado no cotidiano escolar.

Nesse contexto, as respostas das participantes aos questionários mostraram as dificuldades enfrentadas pelos docentes com a falta de apoio e conhecimento em relação à educação especial. Percebemos que existem muito preconceito e rotulação quanto ao tema diversidade, apesar de haver vasta legislação sobre o assunto. Sendo assim, o tema sobre gestão das habilidades socioemocionais no contexto inclusivo ainda é pouco explorado e, por isso, é fundamental promover mais pesquisas sobre esse conteúdo.

Considerações Finais

Durante as atividades realizadas durante o ano, fica evidente que todas as reuniões semanais, o planejamento de atividades e participações em eventos possibilitaram um aprofundamento crítico acerca da prática docente, inclusão, autismo e habilidades socioemocionais.

Agradecimentos

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela concessão da Bolsa de Iniciação Científica e à minha orientadora Marlene Barbosa de Freitas Reis, que me possibilitou a realização desse estudo.

Referências

- CAMPOS, Sofia; MARTINS, Rosa. A Inteligência Emocional em Professores de Educação Especial da Região de Viseu. Portugal: **Millenium**, v.43. 2012. (p. 7-28.)
- GOLEMAN, D. **Inteligência Emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
- Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: **DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.
- SANTOS, Thiffanne Pereira dos; REIS, Marlene Barbosa de Freitas. A formação docente na perspectiva da educação inclusiva. Cascavel: **Travessias**, v. 10, n. 2, 2016, (p. 330-344). Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/13835>>. Acesso em: 24 jan. 2021.